

RiMe

**Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea**

ISBN 9788897317869

ISSN 2035-794X

numero 14/II n.s., giugno 2024

**Leone Pancaldo, um italiano na expedição
de Fernão de Magalhães**

**Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand
Magellan's expedition**

Nunziatella Alessandrini - Gaetano Sabatini

DOI: <https://doi.org/10.7410/1690>

**Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>**

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Francesco D'ANGELO, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giampaolo SALICE, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© **Copyright: Author(s).**

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

**“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0
International License”**



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2024 in:

This volume has been published online on 30 June 2024 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 130-132 — 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

Special Issue

**“mar imenso solitário e antigo”:
os italianos nas rotas marítimas portuguesas**

**“mare immenso solitario e antico”:
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi**

**“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese
maritime routes**

A cura di / Edited by
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

RiMe 14/II n.s. (June 2024)

Special Issue

“mar imenso solitário e antigo”:
os italianos nas rotas marítimas portuguesas

“mare immenso solitario e antico”:
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi

“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese
maritime routes

A cura di / Edited by
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini Introduzione / <i>Introduction</i>	7-12
Nunziatella Alessandrini - Gaetano Sabatini Leone Pancaldo, um italiano na expedição de Fernão de Magalhães / <i>Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand Magellan's expedition</i>	13-36
Ana Paula Avelar A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio / <i>The image of Ferdinand Magellan through the voices of Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio</i>	37-50
Teresa Nobre de Carvalho O mundo natural americano descrito por Michele da Cuneo (1495): um dos mais precoces registos da flora caribenha / <i>The American natural world described by Michele de Cuneo: One of the earliest records of Caribbean flora</i>	51-80
Elisabetta Colla Un panorama etnografico del "mondo" e della sua rappresentazione nei "Ragionamenti" di Francesco Carletti / <i>An ethnographic overview of the "world" and its representation in Francesco Carletti's "Ragionamenti"</i>	81-100
José Manuel Garcia Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta / <i>A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta</i>	101-119
Rui Loureiro Giovanni Battista Ramusio e a primeira circum-navegação: Novidades geográficas, circulação de informações e intertextualidade / <i>Giovanni Battista Ramusio and the first circumnavigation: Geographical news, circulation of information and</i>	121-139

intertextuality

- Hilarino da Luz Rodrigues 141-159
A presença de Antonio da Noli em Cabo Verde / The presence of Antonio da Noli in Cape Verde
- Alessandro Ricci 161-186
Dal Mundus al Globus. L'impresa globale di Magellano nella visione imperiale di Carlo V / From Mundus to Globus. Magellan's global feat in the imperial vision of Charles V
- Mariagrazia Russo 187-201
A visão disfórica das viagens portuguesas em Giovanni Battista Ramusio / The dysphoric vision of Portuguese voyages in Giovanni Battista Ramusio

Leone Pancaldo, um italiano na expedição de Fernão de Magalhães

Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand Magellan's expedition

Nunziatella Alessandrini¹

(Universidade Nova de Lisboa)

<https://orcid.org/0000-0003-4340-7903>

Gaetano Sabatini

(CNR- Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea

Università degli Studi Roma Tre)

<https://orcid.org/0000-0002-0901-4199>

Date of receipt: 20/11/2023

Date of acceptance: 27/06/2024

Resumo

O contributo que aqui se apresenta visa sistematizar o articulado percurso vivencial de Leone Pancaldo, embarcado como marinheiro na nau *Trinidad* que, juntamente com outros quatro navios chefiados por Fernão de Magalhães, deixou, a 20 de Setembro de 1519, o porto de Sanlúcar de Barrameda. Das numerosas fontes documentais, algumas das quais pouco conhecidas, ressalta a figura dum homem com uma personalidade invulgar, forte dos conhecimentos ligados ao comércio e à navegação que lhe provinham da sua origem na cidade de Savona na Ligúria.

Parole chiave

Leone Pancaldo; Fernão de Magalhães; Savona; Buenos Aires.

Abstract

The aim of the contribution presented here is to systematize the articulated experiential journey of Leone Pancaldo, who embarked as a sailor on the ship *Trinidad* which, along with four other vessels led by Fernão de Magalhães, left the port of Sanlúcar de Barrameda on September 20, 1519. From the diverse primary sources, some of which are little known, emerge the depiction of a man that, due to the fact he was born in the Ligurian city of Savona, had an unusual personality, a strong knowledge in trading and good navigation skills.

Keywords

Leone Pancaldo; Fernão de Magalhães; Savona; Buenos Aires

¹ This work is funded by national funds through the Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., under the Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0009. It also had the support of CHAM (NOVA FCSH–UAc), through the strategic project sponsored by FCT (UIDB/04666/2020 –(<https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>)).

Introdução. – 1. Estado da arte. – 2. Leone Pancaldo: uma longa peregrinação e a redacção do Roteiro (1519-1527). – 3. Os anos da reflexão: 1528-1531. – 4. De Savona até Buenos Aires: os últimos anos. – 5. Conclusão. – 6. Bibliografia. – 7. Apendice. – 8. Curriculum vitae.

Introdução

Apesar de nem ter alcançado as seis décadas de vida, o percurso vivencial de Leone Pancaldo foi repleto de acontecimentos e de conhecimentos. Oriundo de Savona, na Ligúria, o jovem Pancaldo viveu no tempo das descobertas que teriam dado a conhecer aos coevos novos continentes, países, mares, hábitos. Deve-se, desde já, sublinhar que a população de Savona de finais do século XV era espelho dum avançado dinamismo comercial: para além de mercadores e homens de negócio, não despidianda era a presença de artesãos e de artesãos empreendedores. A personalidade de Leone Pancaldo, portanto, desenvolve-se num ambiente vivaz e dinâmico, com uma economia florescente e bem organizada na prática do comércio de longa distância. O porto de Savona, apesar de ser mais pequeno do de Génova, mantinha um papel importante, sendo, simultaneamente, uma zona de comércio marítimo e uma zona onde, ao longo do tempo, se tinham formado os melhores técnicos na área da cultura e da tecnologia marítima. Cúmplice o trabalho da sua família - o pai era tecelão e trabalhava o couro - e uma inata curiosidade que até ao final da vida o levou a viajar e a embarcar em aventuras que podemos definir extremas – recorde-se que faleceu muito longe de casa, na Argentina – Leone Pancaldo apresenta-se como uma figura bastante complexa com nuances peculiares que o tornaram apto a se movimentar no âmbito do comércio, da navegação, e, podemos ousar, da diplomacia. Do nosso lado, ao retratar os vários aspectos da personalidade de Leone Pancaldo, através dum corpo documental bastante consistente e diversificado, iremos acrescentar indícios para melhor avaliar a época em que o italiano viveu.

1. Estado da arte

Uma breve resenha acerca dos contributos sobre Leone Pancaldo será indicativa no intuito de termos noção da documentação levantada sobre o navegador de Savona,

apontar para novas pistas de investigação e resolver pontos ainda pouco claros do percurso vivencial de Leone Pancaldo.

O investigador Prospero Peragallo, genovês, pároco da Igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa durante trinta anos, de 1865 até 1896 (Filippi 2016) encontrou e publicou documentos encontrados no Arquivo da Torre do Tombo em Lisboa que diziam respeito às relações de Pancaldo com Portugal, nomeadamente o contrato que Pancaldo estipulou com o rei português D. João III em 1531 e outros documentos relativos a este evento (Peragallo 1894). Os arquivos italianos, principalmente o Archivio di Stato di Savona, foram investigados por Giovanni Jachino (1900) que publicou os dois testamentos redigidos em latim de Leone Pancaldo, o primeiro em 1529 e o segundo em 1535. Do mesmo Archivio de Savona, Filippo Noberasco (1929) levantou alguma documentação notarial, nomeadamente a do Notário Simone Capello, conseguindo, assim, determinar os vários períodos da presença de Pancaldo em Savona. Em finais do século foi publicada a biografia mais completa de Leone Pancaldo com documentação levantada em arquivos italianos e estrangeiros (Avonto 1992) através da qual temos conhecimento detalhado da segunda e última grande viagem de Pancaldo no Sul da América onde irá falecer. Do século XXI um importante contributo explora e levanta documentação notarial acrescentando dados inéditos quer no âmbito das relações familiares de Leone Pancaldo assim como define mais pormenorizadamente os contactos que o navegador mantinha com membros de famílias de Savona da alta burguesia. A investigação nos arquivos de Savona e o levantamento de uma consistente documentação notarial inédita, que acrescentada à que já tinha sido encontrada pelos autores acima citados, permitiu a Ciciliot (2012) apresentar reflexões e construir a personalidade do navegador italiano de tal maneira concreta ao ponto de podermos vivenciar os êxitos e os desfechos das suas andanças pelo mar oceano.

2. Leone Pancaldo: uma longa peregrinação e a redacção do Roteiro (1519-1527)

Leone Pancaldo nasceu em Savona de Manfrino e de Battistina de Reposano, em 1481 ou 1482, datas, estas, confirmadas por sólidas bases documentais: a) no censo da cidade de Savona de 1531 Pancaldo resulta ter 50 anos; (1481); b) no depoimento que Leone Pancaldo apresentou em Valladolid em Agosto de 1527, diz ter 45 anos (1482).

O avô Giovanni teve 4 filhos, 3 rapazes, nomeadamente Michele, Francesco e Manfrino, e uma rapariga, Caterina. (Noberasco 1929, p. 8). Manfrino, nos primeiros documentos que o mencionam, é definido como *publicus negotians*, mais tarde como tecelão e, passado algum tempo como *mensurator olei*, um percurso de relevo que de simples artesão passa a ter uma certa autoridade enquanto empregado público no âmbito fiscal. (Ciciliot 2012, p. 29). A família de origem era constituída por artesãos, tecelões e trabalhadores do couro, cujas matérias-primas vinham da Berbéria e da Península Ibérica, sendo que, frequentemente, eram os mais novos, nomeadamente os filhos, que as iam buscar. Já foi mencionado que Savona na altura era “un esempio di città mediterranea del Rinascimento” (Ciciliot, 2012, p. 11) e é de sublinhar que nas praias entre Savona e Varazze primava a construção naval, e era aqui que “si costruiscono le migliori navi del Mediterraneo occidentale” (Ciciliot, 2012, p. 13).

De resto, não era novidade, era uma situação conhecida como se depreende pela carta de 20 de Fevereiro de 1513 que Lopo de Carvalho, agente do rei português D. Manuel, envia de Savona ao monarca português contando que tinha contratado trabalhadores no âmbito da marinharia (Sousa Viterbo, 1920, pp. 139-140).

Foi neste ambiente que Leone Pancaldo foi criado, um ambiente aberto às novidades, onde as informações circulavam ininterruptamente. O pai de Leone, Manfrino Pancaldo pertencia, juntamente com Domenico Colombo, pai de Cristoforo, à corporação da Arte della Lana, e não é de despertar maravilha a ligação entre os filhos, Leone e Diego, que a documentação evidencia, assinalando a confiança entre as duas famílias. Assim, encontrando-se Diego Colombo fora do País, nomeia Leone Pancaldo seu procurador com um acto que, redigido em S. Domingos em 1514, será registado em Savona a 30 de Março de 1515 (Peragallo, 1894, doc. I, p. 15). As frequentes relações do pai de Leone com o entourage dos que tinham relações com Colombo está provado pelas fontes documentais: um documento notarial de 9 de Abril de 1485, tinha Leone acerca de 3 anos, indica que Michele da Cuneo – um dos pilotos da segunda viagem de Cristoforo Colombo em 1493 - tinha vendido a Manfrino Pancaldo e Germanino Ghirinsana, tecelões em Savona, uma casa na Scarzeria. (Ciciliot 2012, p. 31).

Em 1514, Leone casou com Selvaggia Romana cuja família também estava composta por artesãos. No entanto, após a morte dos pais, em 1515, Leone Pancaldo decidiu abandonar o comércio e começou a pensar concretizar o sonho da navegação. Assim, cúmplice o facto de em Sevilha residir Briolanja Moniz, tia

de Diego Colombo, Leone Pancaldo deixou Savona rumo a Sevilha onde, em 1519, embarca na nau capitã Trinidad da armada de Fernão de Magalhães, juntamente com mais 11 italianos. Leone Pancaldo era um dos 6 marinheiros italianos, entre os quais contavam-se 2 de Sestri Ponente, 2 (inclusive Pancaldo) de Savona, 1 de Génova e 1 de Sanremo. Deve-se sublinhar que a Trinidad era a nau com o maior número de italianos, 11 sobre 26, e que todos, com exclusão de Antonio Pigafetta, eram oriundos da Ligúria, nomeadamente da zona próxima de Génova do lado ocidental: Sestri Ponente, Varazze, Savona, Sanremo.

A armada de cinco navios - Trinidad, S. António, Concepción, Victoria, Santiago - sob a chefia de Fernão de Magalhães, deixou o porto de Sanlúcar de Barrameda a 20 de Setembro de 1519, com uma tripulação de 137 pessoas. A viagem sofreu acontecimentos importantes que revolucionaram a composição da armada até que, a 21 de Dezembro de 1521, ocorreu o evento que cumpriu o destino das últimas duas naus da armada de Magalhães: a Victoria, chefiada por Juan Sebastian Elcano, com 60 pessoas a bordo, deixa Tidore de regresso a Espanha enquanto a Trinidad fica em Tidore.

As notícias que até 21 de dezembro de 1521 chegaram até nós de forma bastante pormenorizada na já mencionada *Relazione* de Antonio Pigafetta, seguem, a partir desta data, a contar o caminho de regresso rumo a Espanha da Victoria na qual estava embarcado Antonio Pigafetta, autor da *Relazione*: “Quivi (Tidore) restò Giovan Carvajo con cinquanta persone de li nostri: noi éramo quarantasette e tredici indi”. (Manfroni, 1983, p. 151). O destino da Trinidad, impedida de navegar devido à uma falha na embarcação que deixava entrar água, é-nos dado a conhecer por documentos de autoria diversa, entre os quais destacámos o assim chamado Roteiro do piloto genovês.

Na Trinidad estava embarcado Leone Pancaldo. Deixamos, portanto, a Victoria ao seu destino e vamos seguir as vicissitudes da Trinidad, parte delas relatadas no assim conhecido Roteiro do piloto anónimo genovês. O Roteiro é, juntamente com outros relatos, nomeadamente o de Pigafetta, de Juan Sebastián de Elcano e de Francisco Albo, - recordamos que os três, juntamente com mais 15 sobreviventes, regressaram a 6 de Setembro de 1522 a Sevilha no navio Victoria - um documento produzido por alguém que presenciou os factos. Mas é anónimo. Do autor apenas sabemos que era genovês, que era piloto e que foi escrito em língua italiana. No entanto, o original italiano nunca foi encontrado e conhecemos o conteúdo do texto através da tradução em português.

Um breve percurso da “história” do Roteiro é imprescindível para podermos formular hipóteses fidedignas. Tendo em conta a primeira publicação do texto que foi por mão do Cardeal Saraiva e seguindo de perto o prefácio que o autor redigiu como apresentação, salientamos, desde as primeiras linhas, dois importantes dados: 1) tratava-se dum Roteiro inédito; 2) o autor utilizou dois manuscritos para redigir a copia que entregou à Academia das Ciências. O primeiro manuscrito era “o manuscrito da Bibliotheca do Rei em Paris” e que “foi copiado com escrupolosa exacção no anno de 1831 pelo nosso honrado amigo, e doutissimo litterado o senhor Doutor António Nunes de Carvalho.” O segundo manuscrito era o que se encontrava em Lisboa no “Deposito de livros de S. Francisco da cidade, e foi da livraria dos monges de S. Bento da Saude, aonde estava junto a outras obras e encadernado com ellas em hum livro de folh., todo escripto de huma só mão e em letras do seculo XVI”. Ambos os manuscritos utilizados pelo Cardeal Saraiva estavam em língua portuguesa e é suposto que a tradução tenha sido efectuada no Oriente e daqui o texto terá chegado a Portugal com navios que de lá partiram (Garcia, 2007, p.210). E é mesmo isso que assinalam as notas que se encontram no fim de ambos os manuscritos: no primeiro manuscrito, o da Bibliothéque Nationale de France, o Cardeal Saraiva reporta: “Este terlado sayo doutro, que sayo de hum caderno de hum piloto genoés, que ia na dita armada, que escreveo toda a vyagem como aquy está, o quall já foy pera o rregno”. A mesma nota, embora com algumas diferenças, encontra-se no manuscrito do convento de S. Francisco em Lisboa: “E isto foi tresladado de hum quaderno de hum piloto genoés que vinha na dita náó, que espreveu toda a viage como aqui está. e foi pera Portugal ho anno de. 1542. com Dom Amriqui de Menezes. Deo gracyas.” Refere, ainda, o Cardeal Saraiva, que o manuscrito de S. Bento da Saúde foi o que melhor se adaptava à transcrição que o autor queria oferecer à Academia das Ciências. Ora, o Convento de S. Francisco de Lisboa ruiu com o terramoto de 1755, sendo que muitas das obras nele conservadas se perderam. Podemos, todavia, conjecturar que algumas delas possam ter tido abrigo noutros arquivos, nomeadamente no Arquivo da Torre do Tombo de Lisboa. De facto, existe na Torre do Tombo com a cota Manuscritos do Brasil 25, um manuscrito do Roteiro com a nota informativa relativa à autoria do piloto genovês igual à do manuscrito do Convento de S. Francisco.

Para além dos manuscritos de Lisboa e Paris, e seguindo a investigação de Luigi Avonto, confirma-se que a nota do(s) manuscrito(s) de Lisboa é igual à que se encontra num terceiro manuscrito do Roteiro que está conservado na Real Academia de la Historia de Madrid (Avonto, 1992, p.54). Temos conhecimento,

portanto, até hoje, da existência de três manuscritos, dois dos quais, os de Lisboa e Madrid, com a mesma nota explicativa, sendo que a nota do manuscrito de Paris apresenta pequenas diferenças.

Antes de prosseguirmos com a história do Roteiro, é necessário frisar que, segundo nos parece, as palavras das notas reportadas no fim dos manuscritos, quer no de Paris, “o quall já foi pera o rregno”, quer nos de Lisboa e Madrid, “e foi pera Portugal ho anno de 1524”, devem referir-se à ida para o reino de Portugal do Roteiro e não do autor do Roteiro, isto é, do piloto genovês.

A primeira tradução do Roteiro para o italiano é datada de 1881 pela mão de Luigi Hugues. Por ocasião das comemorações para o 4º centenário da descoberta da América, foi publicado, em 1892, na *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana*. (Berchet, 1892, parte III, vol. II, pp. 272-287). Em 1901, José Toribio Medina refere que na recolha dos documentos que ele próprio coligiu, o numero XXV correspondia ao que se encontrava manuscrito na Biblioteca Nacional de Paris, sendo que outro manuscrito encontrava-se no convento de S. Francisco em Lisboa redigido com letra do século XVI e que tinha sido publicado pela Academia das Sciencias em Lisboa, como acima já mencionámos, em 1826. Em ambos os manuscritos, o de Lisboa e o de Paris, estava mencionado que o texto era de autoria de um piloto genovês que integrava a expedição de Magalhães. Esta primeira indicação nos leva a procurar os pilotos genoveses embarcados na armada que tinha deixado o porto de San Lucar de Barrameda em Setembro de 1519. E o primeiro nome que vem ao de cima devido ao cargo que ocupava no navio *Trinidad*, onde o próprio Magalhães estava embarcado, é o do mestre Giovanni Battista Ponzoroni, de Sestri Ponente. Todavia, Ponzoroni não era piloto, era mestre, e nunca foi mencionado como piloto.

Ao atribuímos a autoria do Roteiro a Leone Pancaldo, é natural nos perguntarmos quando é que este se tornou piloto uma vez que se tinha embarcado como marinheiro? É muito provável que a promoção tenha ocorrido logo a seguir à insurreição de S. Julião de Cartagena e outorgada pelas mãos do próprio Magalhães. Nessa circunstância, de facto, a armada sofreu uma importante remodelação e tornara-se necessário garantir um ambiente de confiança na navegação. Não nos devemos esquecer que, ainda antes da partida do porto de Sanlúcar de Barrameda, Giovanni Battista Ponzoroni gozava da confiança de Fernão Magalhães que lhe tinha dado o encargo de encontrar tripulantes para a armada. Podemos conjecturar que Pancaldo, oriundo da mesma região italiana de Ponzoroni, deve ter sido por ele escolhido. Assim, com uma certa segurança pode-

se supor que Leone Pancaldo poderá ter ocupado o cargo de piloto da Trindade devido à confiança que Magalhães mantinha para com o navegador de Savona e para com os estrangeiros embarcados na nau capitana. O antigo piloto da Trinidad, Esteban Gomes de Espinosa, passou para o navio S. Antonio mantendo o mesmo cargo.

Parece-nos que a confirmação da autoria do Roteiro a Leone Pancaldo é validada pela declaração do próprio Pancaldo efectuada a 2 de Agosto de 1527 em Valladolid, na qual o piloto de Savona conta os eventos ocorridos depois da partida de Tidore a 6 de Abril de 1522 a bordo da Trindade, “cargada de clavo, y de sus cajas, en que podria haber ochocientos quintales de clavo poco mas ó menos”, (Navarrete, 1837, p. 383). A tripulação constava de cerca de cinquenta pessoas, entre as quais Ginês de Mafra e Gonçalo Gomes de Espinosa, também convocados a Valladolid para deixarem a declaração deles. Pancaldo continua contando que devido ao mau tempo e a ventos contrários pediram ajuda ao Antonio de Brito, português, que se sabia que tinha fortaleza em Ternate. Assim, Batolomé Sanchez escrivão da Trindade levou a carta escrita por Gonçalo Gomes de Espinosa a Antonio de Brito. Todavia, não tendo tido resposta e com receio que o navio se perdesse, chegaram ao porto de Benaconora. Aqui foram surpreendidos pelos portugueses que entraram no navio e retiraram, por ordem de Antonio de Brito, “todas las cartas é astrolabios, y quadrantes y regimientos, y los libros que habian hecho de derrotear, en lo quales estaba asentada la navegacion, y las islas que habian hallado, y mercaderías que en ellas habia; los quales libros hizo este declarante en italiano” (Navarrete, 1837, pp. 383-384). Daqui voltaram a Ternate onde ficaram uns meses para depois serem levados até Banda onde ficaram quatro meses, seguindo depois para Malaca onde os entregaram a Jorge de Albuquerque durante cinco meses e depois para Cochim onde, declara Pancaldo, ficou 10 meses. Querendo sair daí e não o deixando embarcar, Pancaldo, resolveu embarcar às escondidas no navio Santa Catalina, não sabendo que a mesma ideia tinha tido Giovan Battista Ponzoroni “mestre de la dicha nao Trenidad” (Navarrete, 1837, p. 384), encontrando-se na nau. Chegaram a Moçambique onde foram apanhados e presos para serem levados ao Governador da Índia. De Moçambique, a 25 de outubro de 1525, Pancaldo e Ponzoroni escreveram a Carlos V para serem libertados do cativeiro dos portugueses (Peragallo, 1893, pp. 27-29) Foi em Moçambique que Giovan Battista Ponzoroni faleceu enquanto que Pancaldo escondeu-se no navio de Francisco Pereira que ia para Portugal “y estuvo tres dias escondido en ella sin beber ni comer, sino tres panecillos de millo que metió en la

manga” (Navarrete, 1837, p. 384). Quando foi descoberto, o navio estava 100 léguas longe de Moçambique e chegou a Portugal em 1526. Pancaldo foi preso e “quando lo llevaban preso en Lisboa le dió el capitan Francisco Perero cinco tostones para comer” (Navarrete, 1837, p. 386), sendo mais tarde libertado pelo rei português. A declaração de Leone Pancaldo que acabamos de resumir, apresenta três elementos importantes: 1) Leone Pancaldo foi chamado a depor enquanto piloto; 2) a declaração que o próprio apresentou “los quales libros hizo este declarante en italiano” o indica como autor dos livros de bordo; 3) a narrativa da declaração combina com a do Roteiro do piloto genovês.

O Roteiro interrompe-se com a notícia da ida do escrivão da Trinidad levando a carta para pedir ajuda a António de Brito. O resto é nos contado pelo Leone Pancaldo na declaração de Valladolid de 1527 onde refere, sublinhamos mais uma vez, que foram privados de tudo, inclusive os livros de navegação, “los quales libros hizo este declarante en italiano”. Como já tivemos oportunidade de mencionar, os documentos apreendidos seguiram para Portugal em 1525, supostamente no original e na tradução para português. Estes acontecimentos implicam a seguinte consideração: quando Leone Pancaldo chegou a Lisboa, preso no Limoeiro, D. João III já devia conhecer a qualidade dos conhecimentos marítimos do navegador de Savona. (Loureiro, 2019).

3. Os anos da reflexão: 1528-1531

Após o cativeiro em Lisboa e a ida a Valladolid para prestar a sua declaração em Agosto de 1527, Leone Pancaldo deve ter regressado a Savona. Não temos documentos que nos indiquem a actividade de Pancaldo em 1528, no entanto um documento notarial de 9 de fevereiro de 1529 testemunha a sua presença em Savona. (Noberasco 1929, p. 41). Nessa data, de facto, Leone Pancaldo fez o seu primeiro testamento, dando disposições detalhadas sobre a partilha dos seus bens e mandando que fosse sepultado na igreja de S. Francisco, em Savona, onde também jazia o pai Manfrino. Era costume fazer testamento em vista de viagens que podiam ser demoradas e de risco bastante elevado: estava Pancaldo a preparar-se para mais uns tempos fora de casa? Note-se que Pancaldo nunca dirá a razão da redacção dos testamentos, o que nos leva a considerar a firmeza com que perseguia o seu caminho, silêncio e determinação.

Uma breve digressão torna-se aqui necessária para compreendermos o estado de ânimo de Leone Pancaldo aquando do seu regresso a Savona em 1527. A cidade

tinha perdido o antigo esplendor, nas lutas entre Francisco I de França e Carlos V espelham-se as rivalidades entre Savona e Génova. De facto, se Genova encontrava-se na órbita imperial, Savona estava do lado de Francisco I. Com o predomínio de Carlos V, Génova aproveitou-se, em 1525, para atacar e destruir o porto de Savona e as suas estruturas. O estado lastimável em que Pancaldo encontra a sua Savona o leva a deixar no testamento o que fosse preciso “para a obra do porto e do molhe da dita cidade”.

À luz destes acontecimentos, não admira, portanto, a ida a Paris de Pancaldo uma vez que Francisco I necessitava de “una guida esperta, autorevole, sicura” (Noberasco 1929, p. 42), no intuito de emular os sucessos comerciais de Espanha e Portugal preparando uma expedição às Molucas. A embaixada portuguesa em Paris, na pessoa do embaixador João da Silveira, estava vigilante com a chegada de Pancaldo, tentando bloquear a eventual participação de Pancaldo na empresa francesa. Os agentes portugueses logo contactaram Leone Pancaldo e a 17 de Dezembro de 1529 teve lugar um acordo entre as duas partes. (Noberasco 1929, p. 43; Avonto 1992, p. 69). Regressado a Savona no início de 1530, a presença de Pancaldo na cidade da Ligúria é testemunhada por documentos notariais de 17 de Março de 1530 e de 28 de Fevereiro de 1531 (Noberasco 1929, p. 44).

Em Abril de 1531 Pancaldo estava novamente em Paris, sendo que o embaixador português tinha sido informado da sua vinda por outro mercador de Savona, tal Giacomo Richelmo, que conhecia Leone Pancaldo. D. João III encarregou o agente Gaspar Palha que contactasse o Pancaldo e lhe oferecesse dinheiro para o fazer desistir em participar na expedição francesa. Através da longa carta que Gaspar Palha escreveu a D. João III a 1 de Maio de 1531 temos a clara noção do prestígio de que o navegador italiano gozava na corte de França e que o próprio Francisco I foi ouvido dizer que “numca vjra homem tam esperto nem sabedor nas cousas da Jmdja” (Peragallo 1894, doc. V, p.31) D. João III ficou satisfeito do trabalho de Gaspar Palha e, a 27 de Junho de 1531, enviou de Évora uma carta ao embaixador em Paris António de Ataíde contando o concerto que Palha tinha concluído com Pancaldo, dando ordem que Palha fosse a Savona finalizar com Leone Pancaldo o dito acordo, acrescentando que “eu folguaria de Leon Pançado se vyr pera meus rreinos, por maior seguridade do que cumpre a meu serviço” (Peragallo 1894, doc. VI, p.37). Assim, a 30 de setembro de 1531 foi estipulado em Savona o contrato com Pancaldo, que, em troca de 1600 ducados, comprometia-se a não navegar em expedições de outros monarcas e a não redigir

mapas dos lugares conhecidos nas suas viagens (Peragallo 1894, doc. VIII, pp. 39-42).

Quanto à possibilidade de Pancaldo se estabelecer em Portugal, como era vontade de D. João III, o italiano responde com carta de 3 de Outubro de 1531 entregue a Gaspar Palha, agradecendo o seguro que Palha lhe tinha mostrado para ir a Portugal com a esposa, mas recusando gentilmente a oferta alegando o facto de não ter “hijos ni jijas, y queria repozar y estar en tiera repozando estos poços de dias que tengo de bevir e que Viestra real Alteza me qujera perdonar se yo no vengo à Portugal”. Na carta de Pancaldo é mencionado mais uma vez Giacomo Richelmo enquanto “servydor de Vuestra real Alteza”. Para além da diplomática recusa a se deslocar para o reino de Portugal, o navegador italiano sugere ao rei que mandasse construir “uma tore en las yslas de Bandá, en un puerto que se llama Liutatan, en la qual tore mandará Vuestra Alteza poner media dozena de buenos tiros con qujnze ó vinte Buenos ombres”, e pede que o rei lhe faça mercê de lhe outorgar carta de cavaleiro porque “por elha me será fecha mucha honra” (Peragallo 1894, doc. VIII, p. 43-44). A manifestação de Pancaldo de ter um título oficial dependia, supomos, do facto de a família dele não pertencer à alta burguesia. De resto, na fachada da sua casa na Scarzeria, Pancaldo tinha mandado fazer um fresco com a sua imagem tendo um astrolábio na mão, e, entre outros emblemas de navegação, encontravam-se as armas do rei de Portugal. Na decoração primavam os versos por eles compostos: “Io son Leon Pancaldo savonese,/ Ch’il mondo tutto rivoltai a tondo:/ Le grand’Isole incognite, e il paese/D’Antipodi già viddi e ancor giocondo/Pensava rivederlo ma comprese/L’invitto Re di Portugal che al mondo/Di ciò lume daria, però con patti/Ch’io non torni mi dié duo mil ducati”. Oito versos que resumem o percurso de Pancaldo até 1531: a viagem de circumnavegação, a consciência da importância dos conhecimentos adquiridos, o receio de D. João III pela eventual divulgação de tais conhecimentos; o contrato com o monarca português; o dinheiro que lhe permitiu decorar a casa.

4. De Savona até Buenos Aires: os últimos anos

A intenção de Pancaldo de permanecer em Itália e de não ir para Portugal está confirmada pelos documentos notarias de 15 de Fevereiro e 30 de Julho de 1532 que testemunham a presença de Leone Pancaldo em Savona nesse ano. Podemos conjecturar que Leone Pancaldo estivesse a restaurar a sua casa situada frente à

Igreja de S. Francesco, sendo que a importante quantidade de dinheiro recebida pelo rei de Portugal possibilitava as obras. (Noberasco, pp. 50-51). Ainda os documentos notariais testemunham as relações que Pancaldo mantinha com Portugal: nos documentos de 23 de Dezembro 1533 e 3 de Janeiro de 1534, Pancaldo aparece num acordo, enquanto testemunha, estipulado entre Giuliano e Gio Andrea Forzano de Albisola e o agente do rei de Portugal, Simone de Serres. Neste acordo, os italianos obrigavam-se a viajar nos navios régios rumo ao oriente. (Noberasco, p. 51). São, estes, sensivelmente de 1527 até 1533, os anos durante os quais Pancaldo aproveita a renovada tranquilidade na sua cidade onde adquire uma imponente moradia com torre em Lavagnola que será conhecida como “La Pancalda” (Noberasco, p. 52; Ciciliot, p. 99).

A 23 de Abril de 1534, a redacção dum testamento mencionado pela primeira vez pelo Noberasco (p.52), é um relâmpago no percurso aparentemente sereno da vida de Pancaldo. Quais as razões para redigir um testamento? Sugere Avonto (p. 77) que a razão tivesse a ver com a possibilidade duma iminente viagem para Valência onde residiam mercadores genoveses que, como veremos, estavam a preparar uma expedição para o Perú, terra recém-descoberta cujas riquezas e possibilidades comerciais estavam a criar grandes expectativas entre os mercadores? De facto, a experiência de Pancaldo era conhecida, a possibilidade de alcançar o Perú através do estreito de Magalhães era uma possibilidade e quem melhor do que o navegador de Savona podia chefiar a empresa? Estas considerações podem ser sustentadas tendo em conta um documento redigido um ano depois, a 6 de Abril de 1535. É o terceiro testamento de Leone Pancaldo que antecipa o futuro próximo do navegador italiano na expedição organizada e sustentada pelos mercadores genoveses em Valência. Mais uma vez, a esposa Selvaggia fica a tratar dos assuntos de família enquanto Leone se prepara para uma nova aventura no mar. Mas não tinha prometido Pancaldo ao rei de Portugal D. João III que não teria navegado e não teria divulgado os seus conhecimentos marítimos? Mais uma vez, podemos apenas apresentar conjecturas que nos levam a um nome já mencionado, o de Giacomo Richelmi que já encontramos enquanto estritamente ligado à corte portuguesa. Não teria, o Richelmi, subscrito o testamento de Pancaldo se não estivesse tudo segundo as regras.

Voltando á casa comercial genovesa em Valência, Urbano Centurione e Francesco Pozzobonello, tinham adquirido um navio, Santa Maria, com tripulação quase exclusivamente da Ligúria, patron Leone Pancaldo, piloto Leone Grimaldi, mestre Juan Grão. O navio partiu rumo a Cádiz para obtemperar as práticas

necessárias na Casa de la Contratación e organizar com um outro navio, a Concepción, que devia seguir de conserva, capitão Giovanni Pietro Vivaldi, também genovês. Leone Pancaldo, com um documento de 1 de Agosto de 1536 em Cadiz deu o cargo de capitão ao Vivaldi com a obrigação de o navio Concepción nunca abandonar a Santa Maria (Avonto, p. 79). O inventário dos carregamentos da Santa Maria efectuado na iminência da partida é de 23 de Agosto de 1536, podemos, portanto, conjecturar que a partida deve ter ocorrido logo a seguir, o mais tardar em Setembro de 1536. A transcrição na íntegra do documento do inventário redigida por Avonto (pp. 383-394) confirma sem qualquer dúvida qual fosse o percurso a seguir na viagem “llegar a las Yndias del mar oceano a la provincia del Peru por el Estrecho de Magallanes” (Avonto, p. 384), quem fossem os mandatários, qual a tripulação do navio. Para além de Centurione e Pozzobonello, faziam parte da sociedade também Pietro Antonio Grillo di Bassignana, escrivão da Santa Maria, e Pietro Antonio Achino, e a tripulação constava de “Veynte marineros entre los quales entran maestre e piloto e otros oficiales. Veynte grumetes, quatro pajes.” (Avonto, p. 392).

Considerando que Pancaldo já tinha feito a mesma rota há 17 anos na armada de Magalhães, não admira que soubesse qual a melhor altura para começar a navegação. E, de facto, se compararmos a cronologia da viagem da Santa Maria com a viagem da Trinidad, encontramos alguma afinidade: a partida da Santa Maria em Setembro de 1536 e a chegada à boca do estreito de Magalhães a 30 de Novembro de 1537, após, sensivelmente, 15 meses. Da mesma maneira, a partida da armada de Magalhães a 19 de Setembro de 1519 e a chegada à entrada do estreito a 20 de Novembro de 1520. Não sabemos onde devem ter passado o inverno os dois navios mas, de acordo com Avonto (p. 83) supomos que pudesse ter ocorrido numa zona perto do “puerto de Leones”, segundo os versos de Martín del Barco Centenera (1602, canto XXIII, p. 198) religioso poeta cronista do século XVI. A inexperiência do jovem piloto da Concepción, Giovanni Pietro Vivaldi, na altura com 24 anos, prejudicou o sucesso da expedição e o naufrágio do navio no Rio Gallegos obrigou Pancaldo a voltar atrás, recuperar a tripulação e as mercadorias. O fracasso da expedição tornou-se um dado adquirido, o passo seguinte era encontrar uma maneira de minimizar os danos e encontrar mercado para vender as mercadorias transportadas. Assim, a rota para Buenos Aires – fundada em 1536 por Pedro de Mendonza (1499-1537) no estuário sul do Rio de La Plata com o nome de Puerto de Nuestra Señora Santa Maria del Buen Aire, era a escolha mais certa. Não cabe agora aqui nos debruçarmos sobre a fundação da

cidade de Buenos Aires, apenas assinalar que as problemáticas com os nativos criaram um ambiente repleto de adversidades, sendo este o clima que Pancaldo e os seus encontraram aquando da chegada da Santa Maria ao estuário do Rio de la Plata a 25 de Fevereiro de 1538 . A difícil navegação do Rio de La Plata recorda os problemas passados pela Trinidad aquando da saída de Tidore em 1522 e a ajuda pedida a Antonio de Brito. As dificuldades na navegação do Rio de la Plata eram premonitoras das adversidades que Pancaldo teria encontrado uma vez chegado na terra firme. Foi, de facto, o espanhol Antonio Lopez de Aguiar que encontrou o navio de Pancaldo em dificuldade no Rio de la Plata e socorreu o italiano à procura dum abrigo seguro. O fundo do rio com bancos de areias prejudicava altamente a navegação, o navio de Pancaldo precisava de mais profundidade para se não encalhar. No entanto, toda a ajuda do espanhol e dos seus homens não foi determinante para o bom sucesso da empresa e apesar de ter efectuado o que estava na sua possibilidade para trazer a Santa Maria a salvamento, esta ficou definitivamente encalhada na areia. Surgiu uma contenda entre os dois, pois Antonio Lopez de Aguiar queria ser compensado pelo tempo que tinha gastado, juntamente com os seus homens, em tentar salvar a Santa Maria que, acrescenta, era velha demais. Considera também que as mercadorias podiam ser descarregadas e vendidas. O processo acaba com o pagamento, por parte de Pancaldo de cento e cinquenta ducados pela ajuda recebida. Nesta recém-nascida sociedade colonial, o clima económico era difícil, no que diz respeito a Pancaldo, o navio estava encalhado e estava a se desfazer, as mercadorias estavam a se degradar, o navegador estava cansado, já com 57-58 anos.

Não é conhecida a data da morte de Leone Pancaldo mas um documento argentino de 1540 indica que o navegador italiano faleceu longe da sua terra: “e hallando muerto a Leon Pancaldo, mercader, depositò las mercaderias en un Pêro Diaz del Valle”. Em Savona, no testamento da esposa Selvaggia de 13 de Junho de 1513 assinala-se que de Leone Pancaldo não se sabe se é vivo ou morto. (Noberasco, p. 58).

5. Conclusão

Marinheiro, piloto, mercador, “genoues astuto marinero”, o percurso vivencial de Leone Pancaldo está bastante documentado e a riqueza das fontes permite delinear traços da personalidade do navegador.

Depois do regresso a Savona e concluída a grande aventura da viagem com a armada de Magalhães e os acontecimentos no oriente, Pancaldo ficou muito pouco tempo na sua cidade, o tempo necessário para tratar de questões familiares. Palpável era o desejo de voltar a sulcar o mar, e França e Portugal lhe apresentaram oportunidades que Pancaldo soube gerir diplomaticamente sem criar atritos, gozando da admiração e, talvez, de alguma apreensão por parte do monarca português face aos conhecimentos do italiano que, divulgados, podiam prejudicar Portugal.

Na América do Sul, os versos de Centenera (1602, p. 198) deram a conhecer os feitos de Pancaldo:

Trato con los gigantes de Pancaldo,
Que estan en cima el Puerto de Leones
Acuerdome yo agora que Gibaldo
Soldado Genoues, entre razoes
Que con migo tratava e con Grimaldo
De su nacion, discretos dos varones,
Me dixo muchas vezes que lo viera
Desd'el navio llegar a la ribera.

Pancaldo fue el primero que los vido,
Un Genoues astuto marinero,
Uno dellos dezia, que metido
Avia por de dentro del garguero
Una muy larga flecha, y no rompido
Segun que la sacava, hechizero
El Pancaldo le juzga, y Per' Antonio
Dezia ser por arte del demónio.

Aqueste Per' Antonio, que de Aquino
Se llamava le oy aquestas cosas,
De buen entendimiento, buen Latino
Era, e me contava milagrosas
E increybles cosas del camino
Que Pancaldo llevo quando preciosas
Y ricas joyas dio a mal despecho,
Pensando de pesar aquele estrecho.

6. Bibliografia

- Alessandrini, Nunziatella (2021) "A tripulação 'italiana' da armada de Fernão de Magalhães", Fernão de Magalhães e o conhecimento dos Oceanos (coord.) Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar, Lisboa: Academia de Marinha, pp. 283-299
- (2019) "Antonio Pigafetta, cavaleiro do mar oceano. Uma recpntuição biográfica", in *Anais de História de Além Mar*, XX, pp. 61-8
- Avonto, Luigi (1992), *I compagni italiani di Magellano con un'appendice sul Roteiro di un pilota genovese*. Montevideo - Roma: Ediciones El Galeón
- Giovanni Agostino Abate, (1495-1570) (1897) *Cronache savonesi dal 1500 al 1570 di Agostino Abate, accresciute di docs inediti*. Savona
- Berchet, Guglielmo (1892) *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana*. Roma, parte III, vol. II
- Calcagno, Paolo (2013) *Savona, porto di Piemonte. L'economia della città e del suo territorio dal Quattrocento alla grande guerra*. Genova: Città del silenzio
- Centenera, Martín del Barco (1602) *Argentina y conquista del Rio de la Plata*. Lisboa: Pedro Crasbeeck
- Ciciliot, Furio (2012) *Leon Pancaldo da Magellano a Buenos Aires*. Marco Sabatelli Editore

- Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das nações Ultramarinas, que vivem nos dominios Portuguezes, ou lhes são Visinhas, (1826), Publicada pela Academia Real das Sciencias, Lisboa: na Typografia da mesma Academia, vol. IV*
- Delpont, Christine (2012) *Il Roteiro di Leon Pancaldo*. E-Book, <<https://www.truciolisavonesi.it/nuovo-e-book-di-christine-delpont/>>
- Filippi, Sergio (2016) *Monsignor Prospero Peragallo - Una vita tra servizio alla Chiesa e amore del sapere*. Lisboa: Fábrica da Igreja da Nossa Senhora do Loreto
- Fradkin, Raúl - Garavaglia, Juan C. (2009) *La Argentina colonial. El Río de la Plata entre los siglos XVI y XIX*, Buenos Aires: Siglo XXI
- Garavaglia, Juan C. - Marchena, Juan (2005) *América Latina, de los orígenes a la independencia, Vol. I. América Precolombina y la consolidación del espacio colonial*. Barcelona: Crítica
- Garcia, José Manuel (2007) *A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença
- González Lebrero, Rodolfo (2002) *La pequeña aldea. Sociedad y economía en Buenos Aires (1580-1640)*. Buenos Aires: Biblos
- Hugues, Luigi (1881) “Giornale di viaggio di un pilota genovese addetto alla spedizione di Ferdinando Magellano”, in *Atti della Società di Storia Ligure*, Genova, Tipografia del R.I. de’ Sordo-Muti, vol. XV, pp. 5-104 <https://storiapatriagenova.it/Docs/Biblioteca_Digitale/SB/619ed2f0c43179836ebfd1c242eb3493/Estratti/48cce6cd6c247878775a627bc9462623.pdf>
- Jachino, Giovanni (1900) *Leone Pancaldo. Saggio storico-critico*. Savona: Premiata Tipografia Peluffo.
- Loureiro, Rui Manuel (2019) “A malograda viagem da Trinidad e a expedição a Maluco de António de Brito”. Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 137, pp. 91-104
- Manfroni, Camillo (a cura di) (1983) *Relazione del primo viaggio intorno al mondo di Antonio Pigafetta – Con il roteiro d’un pilota genovese*. Cassa di Risparmio di Verona, Vicenza e Belluno, Verona
- Mazzitelli, Guido (2001) *La spedizione di Magellano e Leone Pancaldo savonese*. Savona

Navarrete, Martin Fernandez de (1837) *Coleccion de los viages y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*. Madrid: Imprenta Nacional, vol. IV, pp. 378-388

Nicolini, Angelo (2009) “Quattrocento Savonese”, Genova: *Atti della Società Ligure di Storia Patria*, Nuova Serie XLIX, fasc.I, pp.21-56

Noberasco, Filippo (1929) *Un compagno di Magellano. Leon Pancaldo savonese*. Savona: Tipografia Savonese

Sousa Viterbo (1920) *Arte e Artistas em Portugal*. Lisboa: Livraria Ferin.

Peragallo, Prospero (1894) *Leone Pancaldo, Sussidi Documentari per una monografia su Leone Pancaldo*. Roma: Auspice il Ministero della Pubblica Istruzione.

7. Apendice

Testamento de Leone Pancaldo

1529

Em nome do Senhor, ámen. No ano 1529 do seu nascimento, na indicção nona, segundo ano, dia 29 de Abril.

Como nada é mais certo do que a morte e nada mais incerto do que a hora da morte – como nos advertiu o nosso Deus, Jesus Cristo, no evangelho, dizendo: “Estai preparados, porque não sabeis o dia nem a hora” –, a qual deve estar sempre presente no espírito de qualquer fiel cristão, por esse motivo, pensando e pesando estas coisas no seu coração, o prudente varão Leão Pancaldo, filho do falecido Manfrino, cidadão savonense, pela graça de Deus são de corpo, mente, pensamento, linguagem e inteligência, e estando de boa memória e falando correctamente, temendo o juízo divino, e não sabendo quando o mesmo virá, não querendo morrer sem ter feito testamento, pelo seu presente testamento nuncupativo, estabelecido sem escritura, de si e dos seus bens fez, dispôs, legou e ordenou em tudo e por tudo, como abaixo:

Em primeiro, sempre e quando lhe aconteça morrer, encomendou e encomenda a sua alma ao altíssimo criador, nosso Senhor Jesus Cristo, e a à sua gloriosíssima mãe, a Virgem Maria, e a toda a corte celestial, e o seu corpo, tornado cadáver,

quis, ordenou e mandou que deve ser sepultado na igreja de S. Francisco (em Savona), no monumento em que foi sepultado o nosso senhor Manfrino, seu pai, e, pelas suas exéquias, quis que se gaste segundo o discernimento da abaixo referida sua esposa e herdeira.

Assim, deixou para a fábrica da igreja da catedral savonense, e para a obra do porto e do molhe da dita cidade, tudo o que diga respeito segundo o direito dos estatutos de Savona.

Deixou também ao hospital de S. Paulo de Savona, pela sua alma, um escudo de ouro do sol;

Deixou também, pela sua alma, ao hospital grande da Misericórdia da dita cidade um escudo de ouro de sol;

Deixou também um escudo de ouro de sol, pela sua alma, ao hospital da Casa de Deus, ou da Clade, de Savona;

Deixou igualmente, pela sua alma, um escudo de ouro de sol à igreja de Santa Maria do Loreto, extramuros, de Savona;

Deixou também, pela sua alma, um escudo de ouro de sol à capela de Santa Maria de Monte Bruno, na igreja de S. Julião, da referida cidade;

Confessou ainda e confessa o dito testador que tem e recebeu de sua esposa Salvágia, filha do falecido António Romana, que está presente e confirma, mil e quatrocentas libras, na moeda savonense, pelos seus dotes, relativamente aos quais assevera que constam num instrumento público dotal escrito e guardado pelo senhor Simão Capelo, notário savonense, contendo nele o ano e o dia, dotes que lhe legou e quer que os tenha nos seus bens.

Em todos os outros seus bens, móveis e imóveis, direitos e acções universais, onde quer que existam, presentes e futuros, e respeitantes e pertencentes ao mesmo testador, onde quer que seja, ordenou, fez e quis que fosse e pela própria boca nomeou sua herdeira universal a referida Salvágia, sua esposa, à qual Salvágia, caso morra sem filhos legítimos e naturais gerados e criados por si e pelo dito Leão, seu marido, substituiu e quis, ordenou e mandou que sejam seus substitutos Pedro Ferro, filho do falecido António Vignali, cidadão savonense, Vicente de Cadamartori (...) e Nicolau Blavisum, filho do falecido Bianchi, também cidadão savonense, e evidentemente qualquer um dos seus herdeiros, pela terça parte, em porções iguais e partes paritárias, como isto segundo o costume, a salvaguarda dos

órfãos de menor idade, por fideicomisso e por todo outro melhor modo, via, direito, em reunião ou fora, pelos quais melhor e mais validamente possa ser e realizar-se.

Feito por mim em Savona, na rua Scarzeria, no meio da casa do acima referido Bianchi, estando presentes como testemunhas Nicolau Garrello, Antonio de Cremato, João Pugneto, Bernardino Calcano, João Varaldo e Baptista Gavoto, filho do outro falecido Baptista, cidadãos de Savona previamente chamados e rogados pela própria boca do mesmo testador.

Testamento de Leone Pancaldo

6 de Abril de 1535

Em nome do Senhor, ámen. No ano do seu nascimento 1535, na indicção oitava, dia 6 de Abril.

Como nada é mais certo do que a morte e nada mais incerto do que a hora da morte – como nos advertiu o nosso Deus, Jesus Cristo, no evangelho, dizendo: “Estai preparados, porque não sabeis o dia nem a hora” –, a qual deve estar sempre presente no espírito de qualquer fiel cristão, por esse motivo, pensando e pesando estas coisas no seu coração, o prudente varão Leão Pancaldo, filho do falecido Manfrino, cidadão savonense, pela graça de Deus são de corpo, mente, pensamento, linguagem e inteligência, e estando de boa memória e falando correctamente, temendo o juízo divino, e não sabendo quando o mesmo virá, não querendo morrer sem ter feito testamento, pelo seu presente testamento nuncupativo, estabelecido sem escritura, de si e dos seus bens fez, dispôs, legou e ordenou em tudo e por tudo, como abaixo:

Em primeiro, sempre e quando lhe aconteça morrer, encomendou e encomenda a sua alma ao altíssimo criador, nosso Senhor Jesus Cristo, e a à sua gloriosíssima mãe, a Virgem Maria, e a toda a corte celestial, e o seu corpo quis que, tornado cadáver, seja sepultado no convento de S. Francisco, em Savona, no monumento da casa dos flageladores de Santa Catarina, e, pelas suas exéquias, quis que se gaste segundo o discernimento da abaixo referida sua esposa e herdeira.

Assim, deixou dois escudos de ouro do sol, ou o seu valor, para a Fábrica da igreja da catedral de Savona e para toda a obra do porto e do molhe da dita cidade.

Legou também a Francisca, filha do falecido Bernardo Torchielli de Rivalta, até à soma de quarenta escudos de ouro do sol, conforme e como parecer e agradar à referida Salvágia, sua esposa, a cujo discernimento e arbítrio confia o presente legado, isto é, dez escudos para a abaixo referida Francisca com os bens do próprio testador até à dita soma, no total da soma abaixo referida, e dividida em prestações, conforme aprouver à sua esposa Salvágia, com a condição de se a referida Francisca morrer sem filhos tidos de um casamento legítimo, que a dita soma que receberia a mesma Francisca dos bens do próprio testador vá ou seja entregue ao hospital de S. Paulo de Savona, e assim o próprio testador legou e deixa a tal soma ao referido hospital, por amor a Deus e em remissão dos seus pecados, do melhor modo, via, em reunião ou fora, pelos quais pode ser e efectuar-se.

De mesmo modo quis, ordenou e mandou o referido testador que a dita Salvágia, sua esposa, seja senhora usufrutuária (...) de todos e cada um dos bens do dito testador, desde que em sua vida e enquanto viver naturalmente a mesma Salvágia se mantenha e viva em traje de viúva e conserve vida de viúva. E no caso de a dita Salvágia se querer casar e passar a segundas núpcias, então, e só então, ao contrário, o próprio testador lega e deixa à dita Salvágia duzentos e cinquenta escudos de ouro de sol, compreendendo os dotes da mesma Salvágia, os seus antefacto? anéis de viúva e tudo e cada coisa que possa reclamar, exigir e possuir nos e dos bens do referido testador, precisamente quando e quanto possa.

Em todos os seus outros bens, móveis e imóveis, direitos, acções e contas universais, presentes e futuras, onde quer que existam e se descubra existirem e, seja de que modo for, digam respeito e pertençam ao mesmo testador, instituiu seu herdeiro universal e quis que seja e pela sua própria boca nomeou o feto da referida Salvágia, sua esposa, presentemente grávida, seja menino, seja menina, e, no caso de a referida Salvágia não estar grávida, ou se estiver e depois a esposa der à luz, e se acaso o filho ou filha que der à luz morrer sem filhos legítimos e naturais e gerados de um matrimónio legítimo, apenas então e ao contrário, acontecendo um dos casos acima referidos, substitui ou institui, também nomeando pela própria boca, a referida Salvágia como sua herdeira universal durante a sua vida e enquanto viver naturalmente em traje de viúva e conservar vida de viúva, com o poder e bayiii? que (...) a própria Salvágia possa usufruir e dispor como lhe

agradar dos bens do próprio testador, de modo que não só a própria Salvagia tenha precedência do dito usufruto mas pleno (...) usufruto. E assim quis, ordenou e mandou o mesmo testador.

E se por acaso acontecer que a referida Salvagia morra antes do próprio testador, ou depois, mas antes da morte de filho ou filhos, do sexo masculino ou feminino, do próprio testador, e os seus próprios filhos, um ou vários, acaso morrerem sem filhos legítimos e naturais, ou se a referida herdeira Salvagia passar, como acima, a segundos votos, o dito testador, acontecendo tais casos respectivamente como acima, então e só então e, ao contrário, dispôs e ordenou acerca de todos os seus bens e por todos como se segue:

Em primeiro lugar, deixou, por amor a Deus, pela sua alma e remissão dos seus pecados, à referida casa dos flageladores de Santa Catarina, de que se falou acima, uma parte indivisa da casa, ou a parte que o próprio testador possuiu na sua casa sita na comuna de Savona, rua Scarzaria ou da porta da cidade, casa que coherdaram, de uma parte os herdeiros de Filipe de Roca, de outra parte Vicente Nattinus, a parte de trás Baptista Abbas e herdeiros de Matthey Pelorii, e os herdeiros de Stefani Vonleus, a parte da frente, na via pública, e se são mais verdadeiros outros limites que os confrades da referida casa orem a Deus pela alma do próprio testador.

Deixou também, por amor a Deus e pela sua alma e remissão dos seus pecados, ao dito convento e frades de S. Francisco, acima referidos, uma outra fracção, indivisa ao meio, da mesma casa de que se falou acima e nas mesmas condições acima referidas.

Igualmente deixou a João Grasso (...), seu filho de baptismo, ou afillhado do próprio testador, cem escudos de ouro do sol, ou o seu valor;

Do mesmo modo, deixou a Francheta, filha de António de Cremate, oito escudos de ouro do sol, e se acontecer que morra a dita Francheta sem filhos legítimos e tidos de matrimónio legítimo, suceda no presente legado a sua irmã Jerónima;

Deixou igualmente a Isabelete, filha de João António Abade, também sua afillhada, oito escudos de ouro do sol, ou o seu valor;

Deixou também ao convento de Santo Agostinho de Savona dois escudos de ouro do sol ou o seu valor;

Deixou ainda ao mosteiro de santa Maria da Consolação, de Savona, dois escudos de ouro do sol, ou o seu valor. De todos os outros seus bens, nomeia substituto, ou institui herdeiro universal, e quis que seja e pela própria boca nomeou o hospital dos incuráveis de S. Paulo de Savona. E também no caso de acontecer que o próprio testador morra sem filhos legítimos e naturais tidos de matrimónio legítimo, e ainda se tiver filhos ou prole e os próprios morrerem, ou algum deles morrer, sem filhos legítimos tidos de matrimónio legítimo, salvos sempre os direitos matrimoniais e outras premissas, e isto de modo comum, com a salvaguarda dos órfãos de menor idade e por fideicomisso e de todo outro modo, via, direito, causa e forma pelos quais pode ser e efectuar-se da melhor e mais válida maneira.

E esta assegurou o próprio testador ser e desejar que seja a sua última vontade e último testamento, a qual e o qual quis validar e firmar com o direito do testamento, e se não valesse pelo direito do testamento, por causa de omissão, preterição ou outra qualquer formalidade, quis e quer que a sua última vontade seja válida pelo direito dos codicilos, ou doações por causa da morte e como direito da última vontade pela qual possa valer e manter-se.

Tendo o mesmo testador abolido, revogado, ab-rogado e anulado todo outro testamento ou tendo sido derogada pelo testador uma outra qualquer sua última vontade, onde quer que tenha sido expressa ou com que palavras (...) feito ou feita, estando presente confirmo ao presente com o seu último testamento e última vontade.

De todas e cada uma das coisas acima registadas, o dito Leão rogou que fosse feito um instrumento testamentário por mim, notário abaixo assinado.

Feito em Savona, no banco da casa de João Amadeu Caimo, situada na rua Quarte, ou da praça de Colombo, junto dos seus consortes, estando presentes o Sr. Tadeu de Pisis, Baptista de Gulliemis, João Baptista Robia, Jeronimo Richelmo, João Eustaquio Feo, o frade Pedro de Ponti, da ordem de S. Francisco, e Antonio de Garavagni de (...), todos cidadãos de Savona previamente chamados e rogados pela boca do próprio testador.

8. *Curriculum vitae*

Nunziatella Alessandrini has a PhD in Modern History from the Universidade Aberta in Lisbon. She is researcher at CHAM-Humanities Centre, Faculty of Social Sciences and Humanities of Universidade NOVA de Lisboa, where she coordinates the research group “Social, economic and political dynamics”. She is an Associate Member of the Maritime History Class of the Lisbon Navy Academy, and is the Director of the Historical Archive of the Church of Our Lady in Lisbona. For her work, she was honoured in 2022 with the Ufficiale della Stella d’Italia award by the President of the Italian Republic.

Gaetano Sabatini, Director of the CNR - ISEM, Institute for the History of Mediterranean Europe, is Professor of Economic History at the Roma Tre University and Associate Researcher at the CHAM, Centro de Humanidades of the Nova University of Lisbon. He is an expert in the history of finance in the modern and contemporary period, with special reference to the Mediterranean area and the Ibero-American world. He is editor of “The Journal of European Economic History”. Among his most recent works: Paper, Finance and Semiotics. The Symbolic Economy of Knowledge in the Early Modern Mediterranean, with J.M. Pérez Fernández, in “The Journal of European Economic History”, vol. II (2023), no. 2, pp. 11-31.

Periodico semestrale pubblicato dal CNR

Iscrizione nel Registro della Stampa del Tribunale di Roma n° 183 del 14/12/2017